

O Mundo dos
Amigos Estrela

ESPELHO MÁGICO



booksmile

LINDA CHAPMAN



O céu estava preto aveludado e tudo reluzia com pó de estrelas — os animais, as árvores, os prados, os rios e as montanhas. Todos brilhavam. Era uma noite especial e uma grande multidão de animais encontrava-se reunida em redor de uma cascata feita de estrelas que tombava num lago sem fundo. Pairava no ar um zumbido de conversas, enquanto esperavam pelo início do evento.

Na frente da multidão, havia oito animais jovens — uma raposa, uma lontra, um texugo, uma gata-selvagem, uma corça, um esquilo, um gavião e um

leirão. O esquilo correu na direção da raposa e levantou-se apoiado nas patas traseiras, com a sua cauda tremeluzente a enrolar-se como uma vírgula atrás dele.

— Está quase na hora de viajarmos para o mundo dos humanos, Giesta.

— Mal posso esperar! — disse a raposa, dando voltas com a excitação, e com os seus olhos índigo a cintilar. — Vai ser cá uma aventura.

As orelhas da corça agitaram-se de ansiedade.

— Vocês os dois não estão nervosos? Eu estou.

A gata-selvagem revirou os olhos.

— Que surpresa! Tu assustas-te com tudo, Faia. Porque é que não ficas em casa?

A Giesta lançou-lhe um olhar de reprovação e tocou com o seu focinho no da corça.

— Não lhe dês ouvidos. Tu és corajosa, Faia, eu sei que és. Além disso, vamos estar juntos... pelo menos no início. Não vais ter problemas.

Faia, a corça, roçou-lhe com o focinho, agradecida.

Uma coruja grande de asas prateadas varreu silenciosamente o ar sobre a clareira. Conforme se

empoleirou num ramo ao lado da cascata, abateu-se o silêncio sobre a multidão de animais. Era o momento por que todos esperavam.

— Bem-vindos, meus amigos — disse, bem alto, a coruja Caçadora. — Uma vez mais, chegou a hora de enviar um grupo de jovens Animais Estrela para o mundo dos humanos. Cada um destes animais será incumbido de encontrar um Amigo Estrela, uma criança que acredite em magia. — A Caçadora observou os animais à sua volta e continuou.



— Estes novos Amigos Estrela serão ensinados a usar a magia que flui entre o nosso mundo e o mundo dos humanos para fazerem boas ações, gerar felicidade e paz. Como sabem, por norma, apenas dois ou três Animais Estrela viajam juntos para o mundo dos humanos, mas, hoje, serão oito a fazer a viagem.

Gerou-se, na multidão, um murmurinho de excitação. A coruja ergueu a sua asa.

— Desta vez, vamos enviar mais animais porque o mundo dos humanos está em apuros. Cada vez menos humanos acreditam em magia, o que quer dizer que cada vez menos pessoas usam a Magia Estrela para fazer o bem, e a corrente de magia que flui entre o nosso mundo e o mundo dos humanos está a enfraquecer. Mas há algo ainda mais preocupante. — A coruja fez um ar solene. — Sentimos que alguém no mundo dos humanos está a usar magia negra para fazer mal às pessoas e causar infelicidade. Se assim é, não pode continuar.

Voltou-se para os animais jovens na frente da multidão.

— Vocês os oito vão ser enviados para o local onde cremos estar a ser utilizada a magia negra... onde a Magia Estrela é mais fraca. Devem descobrir o que se passa e pôr-lhe fim. Mas, primeiro, cada um de vocês precisa de encontrar uma criança humana para ser a vossa Amiga Estrela. Uma criança suficientemente bondosa para usar a magia para o bem e suficientemente corajosa para alguém que use magia negra. Quando encontrarem uma criança que achem que possa ser uma Amiga Estrela, falem com ela através dos vossos pensamentos. Se se mostrarem abertas à magia, não de ouvir-vos.

— O que é que nos acontece quando estivermos no mundo humano, Caçadora? — quis saber o esquilo, saltando para as costas da Giesta. — Vamos começar a lançar faíscas e a cintilar como fazemos agora? — Apontou para a cauda, fazendo reluzir todos os pelos.

A coruja abanou a cabeça.

— Não, Zimbros. Vais parecer um animal normal, com a exceção dos teus olhos índigo. Contudo,

ao contrário de um animal normal, vais poder aparecer e desaparecer.

— Vamos todos encontrar Amigos Estrela no mesmo local? — perguntou a lontra.

— Não me parece — respondeu a Caçadora. — Hoje em dia, é raro encontrar crianças que acreditem mesmo em magia e é improvável que haja oito crianças assim no mesmo lugar. Se, ao chegarem, não encontrarem um Amigo Estrela, sigam viagem. Escolham bem. Assim que encontrarem um Amigo Estrela, vão acompanhá-lo durante toda a vida dele, orientando-o, ajudando-o e combatendo a magia negra.

A gata-selvagem ergueu-se.

— Quando partimos?

— Assim que quiserem, Azeda — respondeu a coruja. — Basta-vos porem-se por baixo da corrente de estrelas na cascata.

— Eu vou à frente! — disse a Giesta. — Adeus, pessoal! — Passou a correr pela Azeda, que lhe bufou, furiosa. Com um latido de excitação, ela saltou para a cascata e desapareceu numa nuvem de centelhas.



— Criatura grosseira! — cuspiu a gata-selvagem. Sacudiu altivamente a cauda, encaminhou-se para a cascata e pisou cuidadosamente as estrelas, desaparecendo. As vozes dos animais elevaram-se com a excitação.

Um a um, os outros animais jovens foram-se seguindo até que o último, o leirão, saltou pela cascata e sumiu.

A coruja virou-se para a multidão.

— Esperemos que os nossos jovens companheiros consigam encontrar Amigos Estrela e derrotem aqueles que usam a magia para o mal — disse ela. — Temo que o mundo dos humanos precise, mais do que nunca, dos Animais Estrela.

Bateu as asas e voou bem alto para o céu escuro.



Gorila-das-montanhas, orangotango, pinguim-das-Galápagos...

A Maia Greene soprou a sua franja loura escura da frente dos olhos e folheou as páginas do livro sobre animais em perigo. Era difícil escolher apenas um.

— Despachem-se, meninos — avisou a professora Harris. — Só faltam cinco minutos até ao intervalo. Até lá, têm de escolher o vosso projeto.

A Maia virou as páginas mais depressa.

Talvez um pinguim? Faziam-na sempre rir com o seu andar gingão. Ou um mabeco? Ela adorava

cães. Ou um lobo? Demorou-se numa fotografia de um lobo cinzento. A sua avó Anne também adorara os lobos e tinha muitas peças decorativas e quadros de lobos na sua casa de campo. A Maia sentiu um aperto no coração. A avó Anne falecera no mês passado e a Maia ainda sentia imensas saudades dela. Não, os lobos podiam fazer com que se sentisse muito triste.



— Não acredito que ainda não te decidiste — disse a Ionie, que se sentava ao lado dela. — Eu já tenho uma página cheia de anotações sobre o meu animal. — Atirou o seu rabo-de-cavalo louro arruivado sobre o ombro e mostrou à Maia uma folha com uma escrita muito arranjada com títulos sublinhados a régua.

— Já decido — disse a Maia, na defensiva. — Vou fazer o meu projeto sobre... sobre... orangotangos.

— Escolheu um animal ao acaso só para calar a Ionie. Desde que foram postas na mesma secretária, no início do período, a Ionie tem dado com ela em louca. Como se não bastasse a Sita e a Lottie, as suas melhores amigas, terem ficado na outra turma do sexto ano, ter de sentar-se ao lado da Ionie pareceu-lhe uma tremenda injustiça. A Ionie era inteligente e adorava apontar todos os erros da Maia.

— Orangotangos? A sério? — suspirou a Ionie. — A tua imaginação não dá para mais? Há pelo menos mais quatro pessoas a fazer os orangotangos.

— E que animal espantoso e invulgar decidiste tratar no teu projeto? — quis saber a Maia.

— Um antilocapra — respondeu a Ionie. — Tu ao menos sabes o que é um antilocapra?

A Maia nunca tinha ouvido falar de antilocabras. Mas não quis admiti-lo à Ionie, pelo que arriscou a adivinhar.

— É uma espécie de veado?

Viu a expressão da Ionie a abater-se um pouco e percebeu que teria acertado.

— Mais ou menos — admitiu a Ionie. — É um bocado como um veado e um bocado como um bode e um bocado como um antílope, embora, na verdade, seja um animal único. Seja como for, porque é que não procuras alguma coisa mais interessante do que orangotangos? — Abriu o livro na sua parte da mesa. — Talvez o teu projeto pudesse ser sobre o saola ou o pangolim... eram as minhas escolhas de reserva...

— OK, toda gente. Intervalo! — avisou a professora Harris.

A Maia saltou da cadeira antes de ter de admitir à Ionie que não conhecia nenhum daqueles animais. Arrumou os livros e saiu.

A Lottie e a Sita esperavam por ela junto aos bengaleiros — a Lottie, pequena e magrinha, com o seu cabelo preto encaracolado preso atrás com um gancho em forma de borboleta cor-de-rosa, e a Sita, alta e graciosa, com o seu cabelo castanho cintilante preso numa trança grossa.

— Finalmente consegui escapar! — disse a Maia, a sentir-se melhor assim que as viu.

— A tua aula foi assim tão má? — perguntou a Sita, compreensiva.

— Qualquer aula ao lado da Ionie é má — comentou a Maia.

Os olhos da Sita arregalaram-se, a avisá-la. Espreitando para trás, a Maia viu que a Ionie a seguira até à porta da sala de aulas, trazendo nas mãos um livro aberto sobre espécies em perigo.

— Bem, é a última vez que me dou ao trabalho de tentar ajudar-te com um projeto, Maia Greene! — resmungou a Ionie, marchando de volta para dentro.



A Maia sentiu uma pontada de culpa. Não gostava de aborrecer as pessoas, mesmo pessoas irritantes como a Ionie.

— Ups — murmurou a Lottie.

— Esperem aqui. — A Maia regressou a correr à sala. A Ionie estava parada junto à secretária delas.

— Ionie, desculpa...

— Esquece — disse a Ionie, abruptamente, pegando num livro. — Não me interessa propriamente pelo que tu e o teu grupinho dizem.

A Maia mordeu o lábio inferior, sem saber o que dizer.

A Ionie virou-lhe costas.

— Vou ler — anunciou. — Desaparece.

A Maia suspirou e regressou para junto dos bengaleiros.

— Bem, foi embaraçoso — disse ela às outras.

— A culpa é toda dela — comentou a Lottie, com lealdade. — Ela não devia ser tão irritante. Deve ser horrível ter de estar sentada ao lado dela. — Enfiou o braço no da Maia. — Anda, pega no teu casaco e vamos lá para fora.

— Então, o que é que andaste a fazer hoje de manhã? — perguntou a Sita à Maia enquanto seguiam para o recreio. Brilhava um sol de outubro, mas uma brisa fria fazia as folhas caídas deslizarem pelo chão.

— A professora Harris esteve a falar-nos de animais em perigo — respondeu a Maia, apertando até acima o fecho-éclair do casaco e enfiando as mãos nos bolsos. — Disse-nos quantas espécies estavam a morrer e falou-nos de como as pessoas precisam de fazer mais para ajudar... — De repente, veio-lhe uma ideia à cabeça. — Vocês sabem que no próximo fim de semana há a Festa das Colheitas no salão da aldeia? Bem, porque é que não perguntamos se podemos montar uma banca de bolos para angariar fundos para os animais em perigo? Temos as férias intercalares para nos prepararmos e fazer uns bolos.

— Boa, vamos a isso! — concordou a Sita.

— Grande ideia! Podíamos fazer diversos tipos de bolos — disse a Lottie. — O meu pai está a ajudar a organizar a festa. Vou perguntar-lhe se nos arranja uma banca.

A Maia ficou radiante.

— Perfeito. Se amanhã de manhã passarem em minha casa, podemos escolher os bolos que vamos fazer e treinar.

— OK, mas tem de ser antes das onze e meia, tenho de ir à ginástica — referiu a Lottie. — É uma bela ideia, Maia.

A Maia sorriu. Era mesmo.



A mãe da Maia esperava-a no carro depois das aulas. Ela já estava a ver o Alfie, o seu irmão de 18 meses, preso à sua cadeirinha no carro. Ele deu à Maia um carrinho de brincar quando ela abriu a porta de trás.

— Oia! Carro! — disse ele, com orgulho.

A Maia mostrou um grande sorriso.

— Sim. Carro — disse ela. Ficou contente por sair do frio para o quentinho do carro.

— As férias começam hoje! — disse a mãe dela, sorrindo-lhe e ligando o motor. — Uma semana inteira de descanso. Aposto que estás contente.

— Se estou — disse a Maia. — Livre da Ionie!

A Ionie passara metade da tarde a ignorar a Maia e a outra metade a apontar erros ortográficos no relatório de uma experiência científica sobre agriões que estiveram a fazer. O sentimento de culpa da Maia por a ter aborrecido nessa manhã rapidamente desapareceu.

A mãe dela repreendeu-a.

— Oh, Maia, isso não é muito simpático. Vocês até eram boas amigas.

— Na Receção ao Aluno do primeiro ano, antes de ela começar a ser tão irritante — disse a Maia.

Era verdade que ela e a Ionie tinham andado juntas quando começou a escola. A Ionie era seis meses mais velha do que a Maia e sempre tivera boas ideias para brincadeiras — coisas engraçadas, não apenas brincar à apanhada ou às escondidas como toda a gente, mas antes fingirem que eram golfinhos ou imaginarem que tinham unicórnios. Mas, depois, a Ionie começou a ficar muito mandona e, assim, a Maia tornou-se mais amiga da Lottie e da Sita.

— Vocês não podem voltar a ser amigas? — perguntou-lhe a mãe. — Estive a conversar com a mãe dela e disse-me que a Ionie anda muito sozinha.

A Maia não acreditou.

— Ela não se comporta como se sentisse sozinha e quisesse ser amiga das pessoas. Se estamos todas juntas a conversar, ela vai-se embora ler um livro, e se tem de se juntar a nós diz a toda a gente que as nossas ideias são uma porcaria e que as dela são as melhores.

— Pode ser por ser filha única — referiu a Sra. Greene. — Eu também era, por isso sei como é. Às vezes, é difícil uma pessoa saber integrar-se. Ela, no fundo, pode querer ser vossa amiga.

— Hum — disse a Maia, pouco convencida. Mudou de assunto. — Vamos já para casa?

— Não. Vamos a casa da avó Anne buscar umas coisas para a loja de caridade. O pai vai lá ter conosco e depois vamos buscar a Clio a seguir ao treino de basquetebol.

— Tator! — gritou o Alfie, apontando pela janela para um trator.

— Sim, trator. E, olha, também está ali uma escavadora! — disse a Maia, indicando as coisas enquanto a mãe conduzia pelas ruas sinuosas de Westcombe.

A Maia vivera toda a sua vida em Westcombe. Era uma aldeia grande na costa de Devon do Norte e a Maia adorava-a. Nos dias de sol, ela e os pais, o Alfie e a irmã mais velha, a Clio, iam à praia de seixos fazer piqueniques. Nos dias invernosos de tempestade, vestiam gabardinas e davam passeios no meio da ventania, parando depois para um chocolate quente no salão de chá Chaleira de Cobre.

A mãe percorreu a rua principal e depois seguiu para uma viela esburacada que dava para a praia. Havia umas quantas residências no cimo da viela e a meio ficava a casa rústica branca em pedra da avó Anne, com o seu telhado de colmo e janelas pequenas.

O carro estacionou à porta. A Maia sentiu um calafrio. As cortinas estavam fechadas desde que a avó Anne falecera. Até parecia que a casa tinha fechado os olhos.

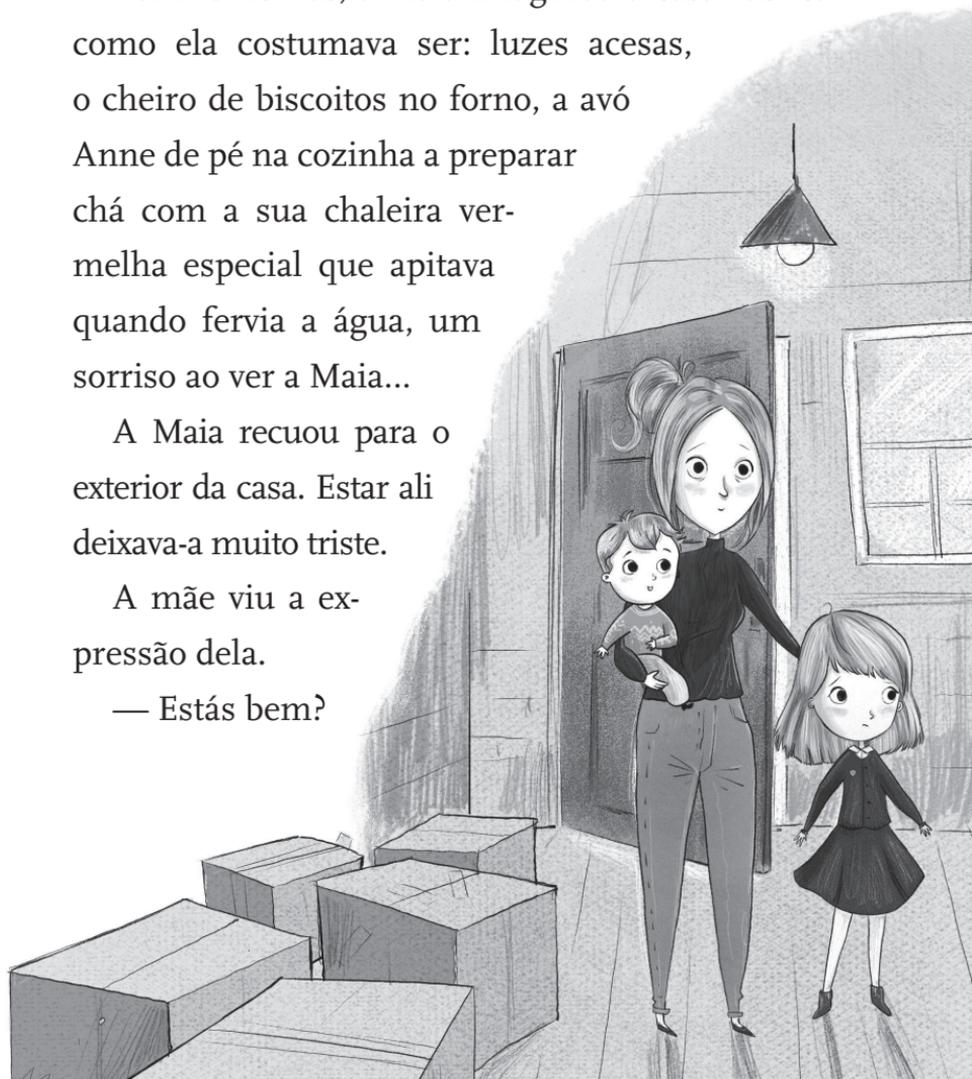
A mãe retirou o Alfie da cadeirinha e levou-o ao colo até à porta da entrada. Rodando a chave, empurrou a porta para trás. A Maia seguiu-a até lá dentro. A casa estava às escuras e fria e havia caixas de mudanças no *hall* de entrada.

Por momentos, a Maia imaginou a casa rústica como ela costumava ser: luzes acesas, o cheiro de biscoitos no forno, a avó Anne de pé na cozinha a preparar chá com a sua chaleira vermelha especial que apitava quando fervia a água, um sorriso ao ver a Maia...

A Maia recuou para o exterior da casa. Estar ali deixava-a muito triste.

A mãe viu a expressão dela.

— Estás bem?



— Posso ir dar um passeio? — pediu a Maia.
— Vou só até à cascata.

— Tudo bem — disse a mãe —, mas não vás
mais longe do que isso. Trouxeste o teu telemóvel?

A Maia assentiu com a cabeça e saiu a correr.

E TU, ACREDITAS EM MAGIA?

Vem conhecer o Mundo Estrela,
um lugar de animais mágicos
que querem ajudar a Terra.

A irmã mais velha da Maia tem
andado estranha, e os Animais Estrela
desconfiam que há magia negra no ar.
Será que a Maia e as amigas conseguem
ajudá-los a derrotar as Trevas?



Já tens
o outro livro
desta coleção
mágica?

booksmile
livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN 978-989-707-653-4

7+



9 789897 076534

Leitura Infantil